

Entre vodkas e salamaleques: as observações de Graciliano Ramos sobre a *Voks*^I

Talita Emily Fontes da Silva^{II}

Resumo: Este trabalho focaliza as observações realizadas por Graciliano Ramos sobre a *VOKS - Sociedade para as relações culturais da URSS com os países estrangeiros*, contidas na obra *Viagem: Tchecoslováquia – URSS* (1954). O objetivo é examinar os trechos da narrativa que envolvem este tema, além de realizar uma breve apresentação da entidade e das ações que desempenhava especialmente na Era Stalin (1927 – 1953). Nesta abordagem, utilizaremos como conceito chave o *Soft Power*, formulado pelo cientista político Joseph Nye (2004). Na análise verificamos que a instituição, encarregada de promover a cultura soviética e estabelecer contato com intelectuais de diversos países, era um dos mecanismos utilizados pela URSS para ampliar seu nível de influência e atratividade no exterior, ou noutros termos, fortalecer seu *Soft Power*. Por meio das observações realizadas por Graciliano Ramos, temos a oportunidade de verificar como os colaboradores da *VOKS* desempenhavam suas atividades, e quais eram as estratégias utilizadas para conquistar seus hóspedes ilustres.

Palavras-chave: *VOKS*; Graciliano Ramos; URSS

Between Vodkas and “Salamaleques”: The observations of Graciliano Ramos about the *VOKS*

Abstract: This paper focuses on the observations made by Graciliano Ramos about the *VOKS - All-Union Society for Cultural Relations with Foreign Countries*, contained in the work *Viagem: Tchecoslováquia - URSS* (1954). The objective is to examine and interpret the narrative passages involving this theme, and make a brief presentation of the entity. We will use as a key concept the *Soft Power*, formulated by the political scientist Joseph Nye (2004). In the analysis carried out, we verified that the institution was one of the mechanisms used by the USSR to increase its level of influence and attractiveness abroad, or in other words, to strengthen its *Soft Power*.

Keywords: *VOKS*, USSR, Graciliano Ramos.

Artigo recebido em 11/09/2017 e aceito em 13/11/2017

ENTRE VODKAS E SALAMALEQUES: AS OBSERVAÇÕES DE GRACILIANO RAMOS SOBRE A VOKS

TALITA EMILY FONTES DA SILVA

Introdução

Ao desembarcar na cidade de Praga – Tchecoslováquia, após incontáveis horas de voo, Graciliano Ramos não encontrou de imediato motivos para alegrar seu espírito. “Cego, mudo e sem dinheiro^{IV}”, viu-se por um momento desamparado, numa terra estranha, em companhia de sua esposa Heloísa, que tentava lhe acalmar os nervos. O casal estava a caminho de Moscou, pois haviam sido convidados para integrar uma comitiva que tinha por objetivo principal participar dos desfiles de Primeiro de Maio de 1952 na capital da União Soviética.

Tudo havia sido organizado e financiado pelo Governo soviético, o que levou Graciliano, por um instante, a cogitar que havia sido vítima de algum engano. Por fim, após algumas horas de espera, um homem sério, de nome Ivan Riabov, recepcionou os brasileiros em nome da VOKS, que em português pode ser traduzida como *Sociedade para as relações culturais da URSS com os países estrangeiros*^V. Instituição responsável por facilitar o contato entre intelectuais estrangeiros potencialmente “progressistas” com a União Soviética, a VOKS seria a responsável, a partir deste momento, por todos os procedimentos que envolveriam a estadia do escritor alagoano, desde aspectos burocráticos, até a promoção de recepções calorosas regadas a caviar e vodka.

Podemos encontrar os registros desta excursão de Ramos aos “lugares medonhos situados além da cortina de ferro”^{VI}, em sua obra *Viagem: Tchecoslováquia – URSS* (1954). Composto por 34 capítulos, o relato de viagem, que também é a segunda publicação póstuma de Ramos^{VII}, retrata passagens que vão desde apontamentos sobre as visitas do romancista a vários museus e bibliotecas; uma tentativa de conversa com um desconhecido num passeio solitário em Moscou; ou sua experiência nos desfiles comemorativos de 1º de maio, que contou com a presença de Joseph Stalin (1879-1953).

Por sua presença constante, a VOKS também é alvo das minuciosas descrições de Ramos. Deste modo, este artigo tem por objetivo diagnosticar alguns aspectos da importante instituição comunista a partir de *Viagem*. Traçaremos um breve perfil, diagnosticaremos alguns dos seus principais objetivos, e examinaremos como Graciliano, em seu misto de simpatia e desconfiança, retratou as atividades da “entidade poliforma, visível ao mesmo tempo em diversos lugares.”^{VIII}

VOKS E SUAS ATIVIDADES:

Fundada em 1925, a VOKS foi pensada com o objetivo de estreitar relações entre a União Soviética e os intelectuais estrangeiros. Para Michael David-Fox, a entidade é um pertinente objeto para se examinar as interações da URSS com o âmbito cultural internacional^{IX}. No cenário externo, financiou “Sociedades de Amizade”; publicou boletins amplamente traduzidos sobre a vida cultural soviética; promoveu eventos de caráter artístico, como exposições e concertos, além de disponibilizar para a imprensa mundial artigos e fotografias sobre fatos de destaque da atualidade local.

Na esfera doméstica, a entidade era encarregada de receber um grande volume de intelectuais estrangeiros, preocupando-se não só em fornecer uma boa estadia, mas em estabelecer vínculos com estes hóspedes; geriu intercâmbios culturais e científicos, além de mobilizar a própria intelectualidade local para contribuir com suas atividades, auxiliando na estruturação de organizações internas voltadas para diferentes linhas. Estas e outras ações transformaram a VOKS numa importante via de contato entre o bloco soviético e o Ocidente^X.

Na teoria, os serviços desenvolvidos pela Sociedade eram voltados a um público específico, isto é, a classe intelectual. A sua primeira líder, Olga Davy – Dovna Kameneva

ENTRE VODKAS E SALAMALEQUES: AS OBSERVAÇÕES DE GRACILIANO RAMOS SOBRE A VOKS

TALITA EMILY FONTES DA SILVA

(1883 – 1941) entendia que a *VOKS* deveria cumprir o papel de apresentar aos literatos, jornalistas, músicos, cineastas, entre outros, “informações corretas” sobre a URSS. Sendo a base da opinião pública de seus países de origem, os intelectuais cumpririam a função de expor ao mundo a verdadeira face da sociedade soviética^{XI}.

É interessante observar como Kameneva entendia a “sedução” dos intelectuais como um alicerce para a expansão da influência soviética no exterior. Podemos afirmar que a líder estava alinhada com a percepção de poder que várias décadas depois seria denominada pelo cientista político Joseph Nye como *Soft Power* – que pode ser entendido como Poder Suave ou Poder Brando.

Segundo Joseph Nye, o Poder Brando é a capacidade de uma nação obter o que deseja através da sedução ou da atração. Ao contrário dos “métodos tradicionais”, em que as vias principais para o estabelecimento do poder são a supremacia no uso da força ou do pagamento, o *Soft Power* estabelece seu poderio por meio de recursos intangíveis. Para Nye, a capacidade de solidificar uma imagem que reflita credibilidade ao público estrangeiro normalmente está vinculada a elementos como a cultura, a valores políticos e institucionais. Logo, um país que anseia consolidar-se numa posição influente no âmbito internacional precisa, dentre outras práticas, apresentar seus valores domésticos como atraentes e admiráveis^{XII}.

A cultura é uma das principais fontes de *Soft Power*. Quando um país deseja promover elementos culturais para atrair aliados, existem diversas estratégias que podem ser utilizadas. Edgar Telles Ribeiro expõe que algumas das opções mais recorrentes aplicadas por um Estado são os intercâmbios; o fornecimento de bolsas de estudos; o ensino e disseminação da língua no exterior; e a promoção das produções artísticas locais^{XIII}.

Deste modo, a *VOKS* pode ser entendida como um mecanismo do governo soviético que tinha como meta fortalecer seu *Soft Power*. Noutras palavras, por meio desta organização, o Kremlin buscava ampliar seu poder de atratividade, através da construção de uma imagem agradável para o público estrangeiro. Considerando que no Ocidente a imagem do bloco soviético era constantemente detratada, este investimento era necessário para a adesão de simpatizantes, e conseqüentemente, um aumento no nível de aceitação do modelo de sociedade socialista.

Sheila Fitzpatrick aponta que a *VOKS* tornou-se a responsável por recepcionar os mais diversos visitantes. Por vezes, a mediação necessária para a realização das excursões era feita por Associações ou grupos que possuíam algum tipo de ligação com a União Soviética^{XIV}. Entretanto, nem todos os estrangeiros que tinham a oportunidade de conhecer a “experiência soviética” eram comunistas, pelo contrário. Segundo Fitzpatrick, a maior parte dos visitantes não integravam a militância comunistas.

As estratégias de recepção dos estrangeiros variavam de acordo com o número de integrantes de uma comitiva e o seu nível de importância. Cada integrante da *VOKS* responsável pelos guiamentos, era encarregado de cuidar dos visitantes de forma individual ou em grupos pequenos, durante as estadias que tipicamente duravam de dez dias a um mês^{XV}. Dentro dos limites, eles levavam os visitantes a locais que desejavam conhecer (concertos, museus, ou a encontros previamente marcados com estudiosos ou escritores), mas tentavam desencorajar passeios solitários.

Alguns dos hóspedes que estiveram sob a custódia da *VOKS* e dominavam a língua russa, viam na entidade um mecanismo de restrição e monitoramento. Por outro lado, grande parte dos participantes das comitivas afirmavam que os integrantes da Sociedade desempenharam papéis importantes para um melhor contato entre estrangeiros e comunidade local.

ENTRE VODKAS E SALAMALEQUES: AS OBSERVAÇÕES DE GRACILIANO RAMOS SOBRE A VOKS

TALITA EMILY FONTES DA SILVA

As atividades desenvolvidas pela *VOKS* não eram vistas com bons olhos por uma parcela razoável do alto comando soviético, ou por organizações culturais militantes proletárias que surgiram na Revolução Cultural do final da década de 1920^{XVI}. Estas alas descontentes desprezavam as ações da entidade, uma vez que mantinham relações amistosas com elementos da “intelectualidade burguesa”.

Na década de 1930, a *VOKS* buscou ampliar o nível de interação entre a comunidade interna e os estrangeiros. Uma de suas principais atividades neste período foi proporcionar encontros entre os visitantes com uma grande variedade de figuras culturais soviéticas, integrantes de altos postos em ministérios, representantes de jornais, editoras e outros instituições^{XVII}.

Entretanto, com a entrada da União Soviética na Segunda Guerra Mundial, houve uma desaceleração no fluxo de atividades. Durante a guerra, as ações passaram a ser mais extensas e focalizavam um público mais seletivo, que incluía diplomatas e correspondentes estrangeiros. O acesso dos visitantes a figuras representativas da cultura soviética também foi reduzido e sujeito a um maior monitoramento. Para Fitzpatrick, neste período a antiga missão da *VOKS* de influenciar a opinião pública ocidental diminuiu dando lugar a ações voltadas ao campo diplomático.

Na década de 1950, a recepção de intelectuais estrangeiros ganhou novo fôlego, e a *VOKS* voltou a exercer suas atividades habituais. Após a Segunda Grande Guerra, o sistema comunista tornou-se atraente na Europa graças a resistência e a vitória contra Hitler. Ao mesmo tempo, os novos interesses da URSS em fazer frente aos Estados Unidos da América angariaram simpatizantes que se opunham ao Imperialismo. O fim da Era Stalin (1927 – 1953) foi marcado por grandes festividades, como o Septuagésimo aniversário do líder (1949), o XIX Congresso do Partido Comunista (1952), além das tradicionais comemorações de Primeiro de Maio. Foi o cenário ideal para o fortalecimento do *Soft Power* comunista, e é neste contexto que Graciliano Ramos teve a oportunidade de *in loco* verificar se a União Soviética era realmente o paraíso do proletariado, ou o temido inferno cristão.

GRACILIANO RAMOS E SEU RELATO

Antes de nos debruçarmos sob os relatos de Graciliano Ramos acerca da *VOKS*, acreditamos ser importante apresentarmos um pouco da sua trajetória, e o que levou este literato a ser convidado a participar da excursão rumo a União Soviética em 1952.

Nascido em Quebrangulo, estado de Alagoas, no ano de 1852, Graciliano Ramos tornou-se um dos ícones de literatura brasileira no século XX. Transmitiu como poucos literatos a aridez dos sertões brasileiros, que fizeram parte de sua infância e adolescência. Além de seus romances regionalista, sendo *Vidas Secas* (1938) um dos mais representativos, as suas crônicas e memórias também possuem grande expressão no seu rol bibliográfico.

Sua veia literária esteve presente desde a infância, quando publicava sonetos utilizando pseudônimos. Ainda jovem, em 1914, tentou seguir carreira no campo das letras no Rio de Janeiro. Entretanto, circunstâncias adversas o conduziram de volta a Alagoas no ano seguinte, e a desejada projeção nacional só veio a ocorrer quase 15 anos depois, em circunstâncias pitorescas.

No ano de 1929, Ramos assumiu o cargo de prefeito da cidade de Palmeira dos Índios/AL. Numa das suas primeiras atividades como gestor, enviou dois relatórios ao governador de Alagoas. Estes escritos, detentores de uma qualidade literária e um tom irônico incomuns para documentos oficiais, repercutiram nacionalmente, sendo reproduzido na íntegra em diversos jornais, e por fim despertaram o interesse do editor Augusto Frederico Schmidt, que se propôs a publicar outros textos do até então prefeito.

ENTRE VODKAS E SALAMALEQUES: AS OBSERVAÇÕES DE GRACILIANO RAMOS SOBRE A VOKS

TALITA EMILY FONTES DA SILVA

Apesar de ter se filiado ao Partido Comunista apenas em 1945, o autor de *São Bernardo* (1934) sempre se mostrou simpático, em sua trajetória, as ideias de esquerda. Além de manter laços de amizade com intelectuais conhecidos por seu posicionamento pró comunismo, Graciliano enquanto homem público costumava tomar medidas consideradas polêmicas. Um exemplo foram algumas de suas iniciativas quando nomeado Diretor de Instrução Pública de Alagoas – cargo equivalente a Secretário de Educação - em 1933. Nesta empreitada, autorizou a distribuição de comida e materiais escolares (incluindo uniformes) para crianças carentes; efetivou professoras da zona rural, e suprimiu o Hino de Alagoas das escolas.

Foi ainda neste período, enquanto assumia o cargo de Diretor, que em março de 1936 foi levado a prisão, aonde permaneceu até janeiro de 1937. Motivo? Não houve nenhuma acusação formalizada. O que ocorria naquele momento era a “caça as bruxas” desencadeada no Governo de Getúlio Vargas, que tinha sido iniciada em 1935 através da lei de Segurança Nacional, e se intensificou após a tentativa de insurreição da ANL (Aliança Nacional Libertadora). O estado de sitio gerou uma série de prisões de potenciais “inimigos do povo”.

Não havendo necessariamente motivos para sua prisão, os prováveis pretextos foram: suas críticas a Revolução de 1930; sua inclinação as ideias de esquerda; a participação de seus dois filhos mais velhos na Juventude Comunista; suas ironias direcionadas aos integralistas; e talvez a sua literatura que, não seguindo as cartilhas do Estado Novo, não estavam voltadas para a “Edificação da Pátria.”^{xviii} Destes meses de reclusão, foi tecida uma das suas obras mais conhecidas: *Memórias de um cárcere*, publicada postumamente em 1953.

Em liberdade, o romancista muda-se com sua família em definitivo para o Rio de Janeiro. Sempre assombrado pelo fantasma da dificuldade financeira, Graciliano trabalhou intensamente, a beira da exaustão, em diversos jornais e periódicos, chegando até mesmo a trabalhar para o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) do Estado Novo.

Quando militante oficial do Partido Comunista, Ramos mostrou-se um integrante ativo, participando de reuniões, comícios, e candidatando-se até mesmo a cadeira de senador da República pelo Estado de Alagoas. Mas, apesar da militância, foi um dos críticos ao “realismo socialista”, que desejava “padronizar” a produção artística-literária dos intelectuais de esquerda, objetivando consolidar esses meios como arma de luta contra os adversários “yankees”, considerando que neste momento a Guerra Fria ganhava impulso.

É neste período, no qual Graciliano se consolida como militante do PCB, e a Guerra Fria (1947 – 1989) ensaia seus primeiros passos, que a obra *Viagem* foi tecida. Como sabemos, o fim da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), não trouxe a tão sonhada bonança. Com o esfacelamento do nazismo, o mundo dividiu-se, gradativamente, em dois grandes polos: de um lado o bloco capitalista, encabeçado pelos Estados Unidos da América; e do outro o bloco socialista, que tinha como maior símbolo a União Soviética.

Neste viés, o campo literário mostrou-se frutífero para a União Soviética. Além da produção de obras fictícias com teor ideológico, conhecido no Brasil como “realismo socialista”, a URSS também fez uso de relatos de viagem para divulgar as suas “benesses”. Estes relatos, em sua maioria, foram frutos de excursões ocorridas no fim da década de 1940, indo até os anos 1960, elaborados por intelectuais que haviam sido convidados a conhecer a região. Como já vimos, a *VOKS* tinha papel crucial na neste cenário de promoção cultural e conquista de aliados.

Foi nesse contexto que Graciliano Ramos recebeu o convite para integrar a comitiva que tinha por objetivo assistir aos desfiles de 1º de maio de 1952. O grupo de brasileiros, com cerca de 30 integrantes, excursionou durante cerca de 30 dias pelos países que integravam o bloco socialista, passando por cidades da Tchecoslováquia, da antiga Rússia, e por fim, da

ENTRE VODKAS E SALAMALEQUES: AS OBSERVAÇÕES DE GRACILIANO RAMOS SOBRE A VOKS

TALITA EMILY FONTES DA SILVA

Geórgia. Antes dele, o romancista baiano Jorge Amado havia feito viagem semelhante, e publicou suas observações sobre o “paraíso vermelho” na obra *O Mundo da Paz* (1951).

No decorrer do relato, Graciliano não esconde a sua simpatia pelos ideais comunistas. Utilizando-se da sua convencional ironia em vários trechos, comparando a “liberdade miserável” do regime capitalista, com a “prisão” do regime comunista, onde, na sua perspectiva, todas as necessidades da população estavam sendo supridas. Mas, apesar de toda a sua admiração perante aquele novo mundo, o autor de *Vidas Secas* não deixa de registrar aquilo que o incomoda, ou que acha estranho.

Desta forma, uma vez realizados os apontamentos biográficos sobre Graciliano, chegou o momento de verificarmos como o romancista registrou a participação da VOKS em sua narrativa.

GENTILEZAS OU AMARRAS? GRACILIANO RAMOS E SUAS IMPRESSÕES SOBRE A VOKS.

São muitas, em *Viagem*, as referências de Graciliano Ramos a Sociedade para as Relações Culturais da URSS com os Países Estrangeiros - VOKS. Os funcionários desta instituição estavam presentes em praticamente todos os momentos da estada da comitiva brasileira na URSS. Longo foi o itinerário realizado pelo escritor alagoano até o seu desembarque em terras socialistas. E como já destacamos anteriormente, assim que chegou a Tchecoslováquia, país que naquele momento integrava o bloco comunista, Ivan Riabov, representante da VOKS, já estava a postos para recepcioná-lo^{XIX}.

Ainda nos primeiros momentos da narrativa de Ramos, é notório o alto nível de organização da entidade. O grupo de brasileiros que o romancista integrava era apenas um entre dezenas de outras comitivas que encontravam-se na URSS naquela data para prestigiar as festividades de 1º de maio de 1952. Nosso narrador aponta que cerca de sessenta países ali estavam representados. Nos corredores dos hotéis deparava-se com chineses “terrivelmente bem-educados”, italianos “barulhentos”, indianos, dentre outros povos. Aparentemente todos estavam recebendo, sem distinção, os “mimos” que para ele não passavam de exagero e gastos desnecessários.

Os membros da VOKS acompanhavam as comitivas visitantes como anjos da guarda. Os anfitriões estavam sempre solícitos buscando servir aos visitantes da melhor maneira possível, desafiando até o sono e o cansaço. Através dos relatos de Graciliano podemos perceber que muitos eram os membros da instituição, da mesma maneira que, em contrapartida, eram muitos os beneficiados. Segundo as observações do escritor, para cada três visitantes era designado um guia^{XX}.

Todavia, pode-se indagar: será que está gentileza não encobriria a vigilância? Esta parece ser a opinião do historiador Edvaldo Sotana. Segundo ele, esta Sociedade também pode ser vista como um reflexo do controle estatal^{XXI}. Este acompanhamento extremamente próximo, seguido de “salamaleques”, faz com que o turista só tenha a oportunidade de enxergar somente aquilo que o que o Estado quer exibir.

A gentileza do pessoal da VOKS para com os visitantes era, segundo nosso narrador, multiforme. Certa feita, Graciliano recebe um convite de um desconhecido para visitar alguns castelos na região interiorana da Tchecoslováquia. Apesar de não ter se identificado como membro da Sociedade em momento algum, o escritor registra sua confiança que o jovem guia era um agente da organizada instituição paparicando mais uma vez seus convidados^{XXII}. Já nos seus primeiros dias de estadia na URSS, é notória a confiança depositada na instituição, e na sua eficiência.

ENTRE VODKAS E SALAMALEQUES: AS OBSERVAÇÕES DE GRACILIANO RAMOS SOBRE A VOKS

TALITA EMILY FONTES DA SILVA

Noutras observações contidas em *Viagem*, a solicitude da *VOKS* para com os visitantes manifesta-se de diversos modos. Nota-se, por exemplo, que os seus integrantes têm o cuidado de adquirirem um conhecimento prévio dos países dos quais os visitantes procedem. Submetidos a mais um dos grandes jantares proporcionados pela “organização tentacular”, regados a muita vodka, um membro da instituição senta ao lado da comitiva brasileira para conversar sobre particularidades do país verde e amarelo.

Ao observar o anfitrião, que se encarregou de conversar com o grupo em português, e a “atirar miudezas” sobre os trópicos, Graciliano tem certeza de que aquelas pessoas tiveram o trabalho de estudar com minúcia os seus hóspedes, independente da nacionalidade^{XXIII}. Com que propósito? O nosso narrador gostaria de saber. Diz não acreditar que tais modos cordiais não escondessem algum tipo de intenção.

Neste ponto, Sheila Fitzpatrick pode elucidar este acontecimento registrado por Graciliano. A autora afirma que entre os funcionários da *VOKS* existia uma espécie de hierarquia, que incluía desde colaboradores que tratavam de questões burocráticas, ou do conforto e comodidade das instalações que os hóspedes iriam se instalar; indo até aqueles que eram designados a se especializar em determinada região, e cumprir a partir daí funções que se aproximam as de caráter diplomático.

Por outro lado, um outro trabalho destes funcionários era descobrir quais eram os posicionamentos políticos de seus visitantes, e acima de tudo, se eles eram “amigos” da União Soviética. Para tanto, o contato direto, o domínio da língua do hóspede, e o conhecimento da situação política eram pré-requisitos importantes para se obter estas informações.

A narrativa de Graciliano enfatiza o esforço da entidade, entretanto a excessiva solicitude da *VOKS* provoca em nosso narrador um certo desconforto. Afirma sentir-se como um “parasita” em meio a tantas “regalias” fornecidas pela *VOKS*. Rememorando a visita que realizou a sede da “poderosa instituição” em Moscou, com o intuito de agradecer a toda hospitalidade, ele acredita não possuir o que oferecer em troca a todos aqueles favores^{XXIV}. Mas, o nosso narrador admite que não existe desconforto que resista a uma “mesa larga coberta de frutos e garrafas”.

Em diversas passagens Graciliano destaca os “excessivos salamaleques” daquela gente. O escritor diz não entender o porquê de seus anfitriões o tratarem como se estivesse prestando um favor aos soviéticos^{XXV}. Com o seu traço característico, que busca se aproximar as suas raízes de homem simples e inimigo das sofisticações, o escritor de Angústia reluta em admitir que nas geladas terras soviéticas ele é um visitante especial. Por sinal, esta era uma das funções da *VOKS*. Fazer o possível para proporcionar aos intelectuais visitantes a melhor estadia possível.

Ainda sobre a *VOKS*, o autor narra a onipresença da instituição durante toda a visita dos brasileiros. Quase todo o itinerário da excursão foi decidido por aquela organização. Segundo os anfitriões o objetivo era satisfazer, da melhor maneira possível, as curiosidades dos estrangeiros diante destas terras geladas^{XXVI}. Durante todos os trinta dias que a comitiva brasileira esteve na URSS, a *VOKS* se fez onipresente. Mas, apesar da aparente boa vontade, a literatura sobre o tema atesta que existiam outras pretensões além da satisfação dos hóspedes.

Passeios, sem a companhia de ao menos um guia, eram contraindicados pelos colaboradores da entidade. Por mais que afirmassem que estas precauções buscavam evitar que os visitantes se perdessem, esta indicação tinha por objetivo também evitar que os estrangeiros cruzassem com pontos “baixos” do cotidiano da sociedade soviética. Mas, apesar das indicações, os relatórios elaborados pelos funcionários da *VOKS* reportam vários visitantes que “saíram dos trilhos”, saindo para longas caminhadas, como típicos turistas curiosos.

ENTRE VODKAS E SALAMALEQUES: AS OBSERVAÇÕES DE GRACILIANO RAMOS SOBRE A VOKS

TALITA EMILY FONTES DA SILVA

Graciliano Ramos, por exemplo, não perdeu a oportunidade de, ao menos por um instante, realizar um passeio solitário. Ao sair do Teatro Bolshoi, Ramos percebe que foi “esquecido” pela comitiva que integrava. Esta foi a oportunidade que teve para vagar por Moscou, “perder-se”, e sair em busca de alguns personagens de Tolstói. O escritor sente-se feliz por encontrar-se livre dos guias e interpretes, e ter a liberdade de passear fora dos roteiros propostos, sem “barbantes invisíveis” que “nos amarravam pernas e braços”^{XXVII}.

O aparente incômodo com a continua presença da instituição governamental persiste na narrativa. Irônico ou não, o nosso narrador em vários momentos registra o seu desconforto frente as gentilezas dos membros da Sociedade. Toda aquela cordialidade faz o escritor duvidar da sinceridade dos seus anfitriões. Seria aquelas atitudes um disfarce da verdadeira índole daquela sociedade tão diferente da sua? Em alguns momentos, entretanto, ele irá se retratar, afirmando que seu estranhamento deve ser causado pela sua falta de costume e habilidade para lidar com tantos “salamaleques”^{XXVIII}. Entretanto, persiste em toda obra a oscilação Graciliano entre a crença e a descrença naquilo que lhe é mostrado.

Noutro episódio revelador da opinião de Ramos quanto à VOKS, é a visita a sede da instituição na Geórgia. Mais uma vez é difícil para o leitor distinguir o que não passa de ironia e o que é literal nas suas observações. A desconfiança e o incomodo com as manifestações de gentileza, além do “excessivo” cuidado que os membros da organização prestavam aos estrangeiros, aparecem mais uma vez^{XXIX}. Ao fim de mais esta recepção, o alagoano conclui: “Bem, Agora estamos na rua, livres das conveniências medidas (...)”^{XXX}

Encerrando os trinta dias de viagem pelo mundo socialista soviético, a VOKS organiza uma última recepção, seguindo o mesmo perfil: muita música, dança e brindes com a forte vodka russa. O romancista alagoano não descreve minuciosamente este fato, pois as gentilezas e os obséquios seriam os mesmos^{XXXI}.

Sendo um dos principais propósitos da VOKS construir e propagar uma imagem positiva da URSS para os intelectuais, é evidente que suas ações buscavam enaltecer os mais variados aspectos da sociedade e da cultura soviética, ao passo que qualquer aspecto negativo era ao máximo soterrado. Realizando uma ligação com um dos aspectos do *Soft Power*, a VOKS buscava, através da promoção de intercâmbios, “seduzir” personalidades para elevar seu nível de influência nas mais diversas nações. Desta forma, após as intensas atividades desempenhadas nas excursões para estrangeiros, esperavam que seus visitantes ao retornar para seus países, disseminassem suas opiniões com outras pessoas, interferindo aos poucos na opinião pública daquele local. Segundo Molly Bettie, um participante influenciará muitos outros, gerando daí um “efeito multiplicador”^{XXXII}.

É interessante observarmos que o próprio Graciliano Ramos, mesmo negando qualquer influência externa para a elaboração de sua narrativa, é um claro exemplo da eficácia no investimento da União Soviética neste mecanismo de construção de uma rede indireta de informações. *Viagem: Tchecoslováquia – URSS* cumpre o papel de apresentar ao público o bloco soviético em traços diferentes dos habituais naquele período no Brasil. Nos dizeres do romancista: “Vi efetivamente o grande país com bons olhos. Se assim não fosse, como poderia senti-lo?”^{XXXIII}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do relato de Graciliano Ramos, tivemos a oportunidade de verificar como no início dos anos 1950 a VOKS vinha cumprindo suas atividades com primazia. As observações do romancista alagoano confirmam os esforços realizados pela organização para conquistar

ENTRE VODKAS E SALAMALEQUES: AS OBSERVAÇÕES DE GRACILIANO RAMOS SOBRE A VOKS

TALITA EMILY FONTES DA SILVA

“mentes e corações” dos visitantes, seja por meio das fartas recepções, pelo clima de amabilidade, ou pela própria apresentação da União Soviética como local de harmonia e união dos povos.

Apesar dos impasses entre algumas das lideranças, é notório que o Kremlin tinha interesse na promoção de intercâmbios culturais e outras atividades que poderiam contribuir para a construção de uma opinião pública ocidental favorável. Estas ferramentas, a longo prazo, auxiliariam no combate aos governos antissoviéticos, especialmente no horizonte de embates ideológicos cada vez mais assíduos que Guerra Fria desenhava.

Seja no caso do nosso romancista, ou de outras centenas de intelectuais que estiveram em visita a União Soviética sob a tutela da VOKS, a literatura sobre a instituição diagnóstica que, ao voltarem para seus países de origem, parte dos antigos hóspedes passou a exercer um papel de “especialistas” quanto a assuntos soviéticos, e muitas vezes tornavam-se defensores não remunerados da causa socialista.^{XXXIV}

Com “as amabilidades excessivas, os gastos enormes, a paciência constante(...)”, a *Sociedade para as relações culturais da URSS com os países estrangeiros* foi sem dúvida um importante instrumento de divulgação da cultura soviética, e soube utilizar estes elementos para fortalecer o *Soft Power* do Estado socialista.

^I *Sociedade para as relações culturais da URSS com os países estrangeiros*.

^{II} Mestranda em História Comparada pela UFRJ. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET / CNPQ / UFS). Email: talifontes.20@gmail.com.

^{III}

^{IV} Graciliano narra que, além da impossibilidade de se comunicar numa terra tão distante da sua, havia quebrado seus óculos quando estava em Paris. Para agravar a situação, o pouco dinheiro que tinha era de origem brasileiro e francesa. (RAMOS, 1954. Pg. 13)

^V RAMOS, 1954, pg 14.

^{VI} Utilizando-se da sua habitual ironia, é deste modo que, nas primeiras linhas de *Viagem* Graciliano descreve a região sob influência comunista (RAMOS, 1954, p.7)

^{VII} É importante salientar que a publicação não veio a ser finalizada pelo romancista, por conta do seu falecimento, em 1953. Como complemento aos capítulos que chegaram a ser concluídos, os editores incluíram na edição as anotações que G.R. esboçou durante a jornada.

^{VIII} RAMOS, 1954, pg. 17.

^{IX} DAVID-FOX. 2002. Pg. 10.

^X FITZPATRICK. 2008. Pg 215.

^{XI} Ibid. Pg 215

^{XII} NYE, 2004. Pg 6.

^{XIII} RIBEIRO, E. T. *Diplomacia Cultural*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011, p. 31.

^{XIV} FITZPATRICK. 2008. Pg 217

^{XV} FITZPATRICK. 2008. Pg 220

^{XVI} FITZPATRICK. 2008. Pg 222

^{XVII} DAVID-FOX. 2002. Pg. 11.

^{XVIII} BOSI et al. 1987, p.59

^{XIX} “Em seguida me veio outro, que me surgiu mais tarde com o nome de Ivan Riabov e era representante da VOKS em Praga. A VOKS, abreviatura, significa Sociedade para as Relações Culturais da URSS com os Países estrangeiros.” (RAMOS. 1954. Pg. 19)

^{XX} “As amabilidades excessivas, os gastos enormes, a paciência constante que nos perturbava, foram dispensados, portanto a milhares de indivíduos [referindo-se as outras comitivas estrangeiras]. Um guia solícito para três visitantes, com franqueza, é muito. Quatro homens e duas mulheres entregues a ocupação mortificadora, absorvente, acordar cedo, a recolher-se tarde, resistentes ao sono.” (RAMOS, 1954., Pg. 16)

^{XXI} SONATA, 2006.

ENTRE VODKAS E SALAMALEQUES: AS OBSERVAÇÕES DE GRACILIANO RAMOS SOBRE A VOKS

TALITA EMILY FONTES DA SILVA

^{XXII} “ (...) um rapaz amável veio convidar-me para um passeio nos arredores. (...) Entrei no carro e ignorando quem fazia o convite. E até hoje ignoro. Possivelmente foi a VOKS, entidade poliforma, visível ao mesmo tempo em diversos lugares.” (RAMOS, 1954, pg. 24)

^{XXIII} “Antes de entrar neste país, fomos estudados, virados do avesso. Examinaram-se nossos atos, com vidro de aumento. – e por isso a criatura delicada, a fumar e a beber conosco, tem recursos para nos sensibilizar-nos com um elogio discreto lançado inadvertidamente, na aparência.” (RAMOS. 1954. Pg.87)

^{XXIV} “À tarde fomos a VOKS agradecer-lhe a hospedagem complexa, dispendiosa em excesso, provavelmente infecunda: nada realmente poderíamos oferecer em troca daqueles favores.(...) Desde a chegada em Praga achava-me entregue à poderosa instituição, vivia a custa dela (...).”(Ibid. Pg. 46)

^{XXV} “Era sem dúvida um disparate, mas os russos têm a habilidade espantosa de, obsequiando-se, sugerir que lhes fazemos obséquios.” (RAMOS, 1954. pg. 46)

^{XXVI} “(...) que desejávamos conhecer? Em seguida foi examinado o tempo necessário para isso. Duas viagens se impunham, a Leningrado e a Geórgia. Em trinta dias poderíamos ir para cima, para baixo, satisfazer uma curiosidade que há longos anos crescia.” (RAMOS. 1954. Pg. 46)

^{XXVII} “Barbantes invisíveis nos amarravam pernas e braços, e as amabilidades excessivas começavam a pesar-me; aceitá-las parecia-me às vezes obrigações penosas.” (RAMOS. 1954. Pg. 79)

^{XXVIII} (“Envolviam-nos desde a chegada, afirmações de paz, e algumas pessoas vacilavam, perguntavam se elas eram realmente sinceras. Podiam ser doses de morfina aplicáveis ao estrangeiro (...)”)(RAMOS. 1954., Pg. 47)

^{XXIX} “Todas essas visitas se assemelham. Frases convencionais, delicadeza fria, o receio de sermos impertinentes exigindo coisas difíceis, prejudiciais ao conjunto. Põem-nos à vontade, os nossos desejos têm aparência de ordem, mas não sabemos se estão sendo sinceros.” (RAMOS. 1954. Pg. 102)

^{XXX} Ibid, pg.103

^{XXXI} “À véspera da nossa partida a VOKS nos ofereceu uma festa, como outras já oferecidas. Não vale a pena descrevê-las. As mesmas gentilezas, os mesmos obséquios.” (RAMOS. 1954. p.176)

^{XXXII} BETTIE, 2014.

^{XXXIII} RAMOS, 1954. Pg 11.

^{XXXIV} FITZPATRICK. 2008. Pg 215.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

APPLEBAUM, Rachel. **The Friendship Project: Socialist Internationalism in the Soviet Union and Czechoslovakia in the 1950s and 1960s** IN: *Slavic Review* Vol. 74, No. 3 (FALL 2015), pp. 484-507

ALVES, Francisco José. **A pátria é um orangotango: O Brasil nas crônicas de Graciliano Ramos.** Síntese, Brasília, n.5, p.46-55, 2000.

AMADO, Jorge. **O Mundo da Paz.** Rio de Janeiro: Editora Vitória. 1951.

BETTIE, Molly Lenore. **The Fulbright Program and American Public Diplomacy.** PhD thesis, University of Leeds. Disponível em: <http://etheses.whiterose.ac.uk/6889/>

CLEWS, John C. **As técnicas da Propaganda Comunista.** Rio de Janeiro: Cruzeiro. 1966.

DAVID-FOX. Michael. **From Illusory 'Society' to Intellectual 'Public': VOKS, International Travel and Party: Intelligentsia Relations in the Interwar Period.** IN: *Contemporary European History* Vol. 11, No. 1, Special Issue: Patronage, Personal Networks and the Party-State: Everyday Life in the Cultural Sphere in Communist Russia and East Central Europe (Feb., 2002), pp. 7-32

ENTRE VODKAS E SALAMALEQUES: AS OBSERVAÇÕES DE GRACILIANO RAMOS SOBRE A VOKS

TALITA EMILY FONTES DA SILVA

FITZPATRICK, Sheila. **Foreigners observed: Moscow visitors in the 1930s under the gaze of their soviet guides.** IN: Russian History Vol. 35, No. 1/2, "Festschrift" for RICHARD HELLIE: Part 2 (Spring-Summer 2008 / Printemps-Été 2008), pp. 215-234.

FROMM, Erich. **Conceito marxista do homem.** 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

HOLLANDER, Gayle Durham. **Doutrinação política soviética: Os progressos nos meios de comunicação em massa e de propaganda desde Stalin.** Rio de Janeiro: Agir, 1974

JUDT, Tony. **Pós Guerra: Uma história da Europa desde 1945.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LEVI, Lúcio. Regime Político. IN.: BOBBIO, Noberto (org.). **Dicionário de política.** Brasília – Editora UnB, 1998, pgs. 1081 – 1084.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS. IN: **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 227-246, 2007. Disponível em: <http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/131.pdf>

NYE, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics.** New York: Public Affairs, 2004.

PAULO NETTO, José. **O que é stalinismo.** São Paulo: Brasiliense, 1981

RAMOS, Graciliano. **Viagem: Tchecoslováquia - URSS.** 10ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

RAMOS, Graciliano. **Garranchos.** [Org.: Thiago Mio Salla] – Rio de Janeiro: Record, 2012.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético.** São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SANI, Giacomo. Propaganda. IN.: BOBBIO, Noberto (org.). **Dicionário de política.** Brasília – Editora UnB, 1998, pgs. 1018- 1021.)

SOTANA, Edvaldo Correa. **Relatos de viagem a URSS em tempos de Guerra Fria: Uma prática de militantes comunistas brasileiros.** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O estado espetáculo.** Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.

VOLKOGONOV, Dmitri A. **Os sete chefes do império soviético: Lênin, Stalin, Khruchev, Brejnev, Andropov, Chernenko, Gosbachev.** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.